

JONY SANDI DE ASSUNÇÃO

**COMO SÃO AS FAMÍLIAS NO LIVRO DIDÁTICO?
UM ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduando em Pedagogia.

Orientadora: Joana Célia dos Passos

FLORIANÓPOLIS – SC,
2017

JONY SANDI DE ASSUNÇÃO

**COMO SÃO AS FAMÍLIAS NO LIVRO DIDÁTICO?
UM ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduando em Pedagogia.

Banca examinadora

Orientadora e Presidente da banca:

Prof^a Dr. Joana Célia dos Passos (EED/CED)

Titular:

Prof^a Dr. Angélica Silvana Pereira (EED/CED)

Titular:

Prof^a Dr. Regina Ingrid Bragagnolo (NDI/CED)

Suplente:

Prof^o Dr. Alexandre Toaldo Bello (MEN/CED)

FLORIANÓPOLIS

2017

AGRADECIMENTOS

Durante minha trajetória de vida, muitas foram as pessoas que passaram por ela, desde o colégio, até os dias de hoje, pessoas que são especiais e ficarão guardadas para sempre em meu coração e em meus pensamentos. Não consigo encontrar palavras que possam descrever o quanto grato a minha avó Adelina que cuida de mim desde que eu era uma criança e que se enche de orgulho ao falar que estou me formando. Devo a ela todos os agradecimentos possíveis, no entanto, outra pessoa não menos importante é minha mãe Maria, a qual eu amo muito e agradeço também. Vocês duas foram e serão sempre as pessoas fundamentais na minha vida, que me ensinaram a respeitar e a amar o próximo, obrigado pelos puxões de orelhas e pelo apoio.

Outra pessoa que não poderia deixar de mencionar é meu companheiro e amigo Diogo Schwartz, pessoa que eu escolhi para estar comigo nos momentos bons e ruins, e nesse momento tão importante da minha vida, em que ele me ouviu muito falar sobre essa etapa em que estou concluindo. A você o meu eterno amor.

Não poderia deixar de agradecer minha família, na qual muito me apoiou nesse momento. Citar a todos ficaria difícil, pois certamente me esqueceria de algumas pessoas, mas, quero agradecer a todos de forma carinhosa. E o faço agradecendo a Tia Claudia, que se fez presente e me ajudou muito nessa trajetória e em outras, saiba que você foi essencial nesse momento. Agradeço a meus padrinhos Tia Deza e Tio Sergio, que me ajudaram muito quando eu ainda era criança e até hoje nos momentos difíceis, saibam que eu tenho um carinho enorme por vocês. Agradeço também meu padrasto Zeca, meu irmão, minha cunhada, meus tios, tias e primos, vocês são demais.

Aos amigos também, pois amizade é fundamental nesse processo, às vezes quando estava quase louco, precisava de vocês ao meu lado, para sorrir, brincar e me divertir, afinal no lado de vocês, eu sempre estava feliz. Joseandra, Dhiego, Ana Julia, Luana, Chris, vocês são pessoas muito especiais para mim e quero ter vocês por perto de mim sempre. Minhas amigas horrorosas – Patrícia, Tayse, Taiana, Claudia, Sabrina, Ju Reis e Natalia, minhas amigas e companheiras, prometo que agora essa fase da minha vida que está sendo concluída ser mais presente em nossas saídas, vocês são maravilhosas, amigas como vocês, eu tenho sorte de ter, vocês são muito especiais também. Quero agradecer a ela, Jéssica Cristina, pessoa que sempre esteve comigo, desde quando erámos pequenos e brigávamos muito, por qualquer coisa,

minha eterna amiga, obrigado por todos os momentos, todos os auxílios, tudo que passamos juntos e pelo que vamos passar ainda.

Agradeço meus colegas de graduação, pessoas que eu jamais vou esquecer, foram quatro anos e meio juntos, vou levar comigo, nossa turma era a melhor do CED, eles jamais terão uma turma assim. Não poderia deixar de agradecer em especial minhas eternas amigas Daiana, Karla e Larissa, tive sorte de encontrar vocês, cada uma de vocês já tem um espaço guardado em meu coração, amo vocês.

Agradeço a meus professores, levarei comigo cada ensinamento, em especial minha professora e Orientadora Joana Célia dos Passos, por ter me auxiliado na conclusão desse trabalho e de ter aturado minhas crises de ansiedade, mas principalmente por ter me aceitado na elaboração desse trabalho, admiro seu trabalho com o estudo da diversidade. O mundo precisa de mais pessoas como você.

RESUMO

O Livro Didático tem sido o principal material utilizado pelo professor em sala de aula. O mesmo tem o papel de auxiliar na aprendizagem dos/as estudantes, sendo assim, ele também reforça determinadas ideologias e preconceitos querendo ensinar o que é ser família. A partir disso meu objetivo com essa pesquisa foi analisar como a família vem sendo representada nas páginas do Livro Didático “Juntos Nessa” da editora Leya, do primeiro ano do ensino fundamental, de uma escola da rede municipal de São José, levando em conta que as imagens são um valioso recurso para o processo de alfabetização. A pesquisa realizada é de caráter qualitativo, uma vez que a mesma tentou compreender a realidade social na qual estamos inseridos e também de caráter documental por entender que o Livro didático é um documento. Dialoguei com autores/as como Guaciara Lopes Louro(1998); José Gimeno Sacristán(2000), Jimena Furlani(2005), Fernanda de Cássia Brigolla/Aparecida de Jesus Ferreira (2013) e outros. Após analisar todas as imagens e folhear o livro, podemos perceber que há sim uma certa configuração familiar que é super valorizada nas páginas dos Livros Didáticos, sendo a família nuclear mais naturalizada e pautada como modelo padrão. Excluindo assim os outros tipos de famílias e contribuindo com a manutenção de preconceitos e estereótipos.

Palavras-chave: Livro Didático; família; representação; estereótipo

ABSTRACT

The Didactic book has been the main material used by teachers in classroom. The same has the role of assisting students learning and it also reinforces certain ideologies and prejudices wanting to teach what is to be a family. From this, my goal with this research, was to do an analyse of how families has been represented in the pages of “Juntos Nessa” by Leya, first year of elementary São José’s school, Knowing that images are a valuable resource for the literary process. This research a qualitative nature, since it has tried to understand the social reality which is established and also of a documentary nature because it understands that the textbook is a document. I spoke with authors such as Guaciara Lopes Louro(1998); José Gimeno Sacristán(2000), Jimena Furlani(2005), Fernanda de Cássia Brigolla/Aparecida de Jesus Ferreira (2013) and others. After analyzing all the images and leafing through the book. We can see that there is a certain familiar configuration that is highly valued in the pages of didactic books, the nuclear family being more naturalized and standardized. Excluding other family types and contributing to the maintenance of prejudices and stereotypes.

Keywords: Didactic books; family; representation, stereotype

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - OS TERMOS.....	26
Figura 2 - CARTAZ ESCOLA SEM PARTIDO.....	30
Figura 3 - FAMÍLIA HETEROSSEXUAL BRANCA.....	56
Figura 4 - A MORADIA E A FAMÍLIA.....	57
Figura 5 - FAMÍLIA HETEROSSEXUAL NEGRA.....	58
Figura 6 - FAMÍLIA FORMADA POR UMA MULHER E SEUS DOIS FILHOS.....	60
Figura 7 - FAMÍLIA EM QUE OS PAIS JÁ FORAM CASADOS.....	61
Figura 8 - FAMÍLIA HETEROSSEXUAL.....	62
Figura 9 - FAMÍLIA HOMOSSEXUAL E SEU FILHO.....	63
Figura 10 - FAMÍLIA FORMADA POR CASAL SEM FILHO.....	64
Figura 11 - FAMÍLIA EM QUE AS CRIANÇAS MORAM COM PARENTES.....	65
Figura 12 - DIAGRAMA GENEOLÓGICO.....	66
Figura 13 - FAMÍLIA COM CACHORRO DE ESTIMAÇÃO.....	67
Figura 14 – ATIVIDADE.....	68
Figura 15 - TAREFAS DOMÉSTICAS.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – ANÁLISE DE IMAGENS DE “FAMÍLIAS”.....	55
--	----

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 A origem do tema.....	17
1.2 Percursos metodológicos.....	18
1.3 SOBRE O TCC.....	20
2 Gênero, educação e políticas públicas.....	23
2.1 Gênero, diversidade sexual e família.....	23
2.1.1 O retrocesso na educação: as questões de gênero em disputa....	27
2.2 FAMÍLIA: concepções e arranjos.....	32
2.3 A escola e o Livro Didático em análise.....	36
3 COMO SÃO AS FAMÍLIAS NO LIVRO DIDÁTICO?.....	41
3.1 O livro didático.....	41
3.2 O livro Didático e as representações de família.....	43
3.3 Livros Didáticos e representações: o que dizem as pesquisas?.....	48
3.4 A família no livro didático.....	54
Considerações Finais.....	71
Referências bibliográficas.....	73

1 INTRODUÇÃO

1.1 A ORIGEM DO TEMA

A escolha de pesquisar as imagens de família nos livros didáticos tem uma forte relação com a minha trajetória escolar, em que a imagem da família representada nos livros didáticos sempre foi de um casal heterossexual. Naquela época, a diversidade de famílias “diferentes”, compostas por um casal de homens ou um casal de mulheres, por exemplo, não era tão visível. Atualmente já se percebe alterações em alguns contextos, porém, na maioria das vezes ainda é reprimida e silenciada, revelando preconceito contra essa configuração familiar.

As configurações de famílias são amplas em uma sociedade com uma diversidade tão grande, no entanto nas páginas dos livros didáticos a família que predomina a sua configuração, é aquela formada por um casal heterossexual, branco, classe média. Então, escolhi trabalhar com a questão de outras configurações de família pelo motivo de que, sempre foi um assunto que me interessei muito, pelo fato de eu ser homossexual, com vontade de formar uma família e o fato de eu ver que a família que eu pretendo construir, não é considerada uma família. Isso me abala muito e me instiga a construir essa pesquisa para analisar as representações de família retratadas nos livros didáticos atualmente.

Portanto, trabalhar esse tema deu-se pelo motivo de que ainda há o fortalecimento de um modelo, desconsiderando outras configurações que fogem do padrão da “família”. No entanto, esse padrão que cito, é um padrão que a sociedade impõe como tradicional e certa, na qual todos devem seguir. Porém, acredito que todas as configurações de família devem ser consideradas, sendo que vivemos num mundo onde predomina o modelo tradicional, é preciso que o ambiente escolar e os processos pedagógicos em curso assumam a existência de outros arranjos familiares.

Outra questão importante é que em setembro de 2015 aconteceu a reunião da Comissão que discute o Estatuto da Família na Câmara dos Deputados, em Brasília, na qual foi aprovado um projeto que define como família aquela constituída da união de um homem e uma mulher, ignorando todas as outras configurações familiares existentes. Acredito que esse estatuto é um retrocesso para nossa sociedade, assim como a

retirada do tema gênero do Plano Nacional de Educação e a Escola Sem Partido, o qual discuto no decorrer do 1º capítulo.

Portanto, neste trabalho faço uma análise de imagens veiculadas em um livro didático do primeiro ano da educação básica, utilizado na escola em que realizei o estágio, na disciplina de “Educação e Infância VIII: Exercício da Docência dos anos iniciais”.

Uma das justificativas pela escolha desta análise, foi que durante a minha trajetória na Pedagogia, na disciplina de “Organização dos Processos Educativos II”, ministrada pela professora Joana Célia, desenvolvi um trabalho de análise da representação da mulher no Livro Didático de História do 5º ano. Após esse trabalho, percebi a importância da escolha de um livro e as ideologias que eles carregam.

Considero o livro didático um instrumento e também um importante material para o trabalho pedagógico dos/as professores/ras, pois, ele será mediador entre o trabalho pedagógico e o/a professor/ar, dentro de sala de aula, porém, quem poderá decidir a forma do seu uso será ele/a mesmo/a, o/a professor/a. O Livro didático corresponde a grande parte do que será ensinado em sala de aula, e muitas vezes alguns conteúdos subliminares passam despercebidos por diversos motivos.

Segundo François Maria Gérard e Xavier Roegiers (1998)) a origem do Livro Didático se encontra na cultura escolar, quando os livros eram raros, os/as estudantes universitários/as europeus produziam seus cadernos de textos, com a imprensa, os livros se tornaram os primeiros produtos feitos em série, e a concepção de livro passa ser como depósito das verdades científicas ainda ressaltam que “é um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”.

1.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que realizei é de caráter qualitativo onde analisei parte da realidade social em que estamos inseridos, observei o discurso e as imagens que o livro traz para sala de aula do primeiro ano do ensino fundamental dos anos iniciais, com o foco na representação da família nas imagens das páginas dos livros didáticos.

O livro que analiso é “Ciências Humanas e da Natureza” de Charles Chiba, Caroline Minorelli, Valquiria Garcia e Vanessa Michelan publicado pela Editora Leya, do ano de 2014. Os/as autores/as

fazem assessoria no desenvolvimento de trabalhos pedagógicos para o Ensino Fundamental I.

Meu objetivo foi identificar e problematizar as representações de família trazidas para o processo de escolarização dos estudantes nos livros didáticos, e se houve alguma desconstrução ou se ainda tem um fortalecimento da família heterossexual composta por um casal de homem e mulher, sendo desconsideradas outras configurações de família. O primeiro ano é o ano em que a criança começa a se alfabetizar, e a leitura da imagem é uma importante ferramenta para o processo de alfabetização.

A escolha por este tema decorre da necessidade de se questionar as representações heteronormativas que se tornaram um referencial para as instituições e de um modo geral, para a escola. Os livros didáticos são instrumentos pedagógicos privilegiados, pois são utilizados por milhões de crianças todos os anos nos espaços públicos e privados de ensino no Brasil, muitas vezes sem questionamentos. Além disso, está presente nacionalmente nas salas de aula e é também um valioso recurso para o acesso e a transmissão de ideologias, podendo ser utilizado em casa também. No entanto, na escola, a forma com que a(o) professor/a o utilizará, será decisiva para o processo educacional, pois o livro didático é um suporte teórico e prático do/a professor/a, desta forma, um importante aliado para o desenvolvimento dos/as estudantes.

Busco, nesta pesquisa, fazer uma análise do livro didático do 1º ano do ensino fundamental, que teve sua primeira edição em 2014 e foi utilizado em sala em 2016, observando as representações de família por meio das imagens que são utilizadas, considerando que hoje o Brasil e o mundo apresentam configurações familiares diversas, apesar que na maioria das vezes o padrão heteronormativo, composto por um pai, mãe e filhos, acaba sendo fortalecido criando uma desigualdade de gênero e reforçando o preconceito.

Através desse estudo pretendo compreender algumas questões que me acercam sobre o tema, identificando possíveis referências de famílias que são apresentados em sala de aula fortalecendo ou produzindo desigualdades. Assim contribuem na formação de sujeitos preconceituosos, que não sabem conviver com o outro, e uma construção de um modelo ideal de família, formado por um homem e uma mulher.

Pretendo comentar o papel do livro didático em sala de aula e a forma com que o/a professor/a vem mediando seu trabalho com o auxílio desse material, analisando os discursos referente à representação

da família e como ele vem sendo tratado nas páginas do Livro Didático. Pois, entendo que o Livro Didático é um valioso recurso que está presente em grande parte das instituições, se não todas, e que auxilia o trabalho pedagógico do/a professor/as, atuando como mediador.

As questões que me orientaram nessa pesquisa foram: *Como a família vem sendo representada nas imagens do livro didático selecionado para análise? Considerando a questão da diversidade sexual, houve alguma mudança nessas representações? Suas representações estão de acordo com a realidade da sociedade brasileira?*

1.3 SOBRE O TCC

O TCC está organizado da seguinte maneira, na introdução trago a origem do meu tema, os processos metodológicos frente aos objetivos, que me propus nesta pesquisa, desde o meu pré-projeto que foi elaborado na disciplina de pesquisa no ano de 2016. Logo depois, apresento o primeiro capítulo intitulado “Gênero, educação e políticas públicas” que trata de um embasamento teórico, que vão ao encontro do meu foco nesta pesquisa. Apresento também as políticas públicas que foram sendo construídas e desenvolvidas para o retrocesso dentro da sala de aula, políticas públicas estas que contribuem significativamente para o fortalecimento de uma sociedade preconceituosa.

Dando continuidade, em meu 2º Capítulo apresento objeto de pesquisa, abordando um pouco sobre como se dá o processo de implementação do Livro Didático dentro de sala de aula conceituando-o como um objeto cultural que transmite a cultura de um determinado tempo histórico para o outro. Faço uma discussão acerca das representações de famílias tidas nos livros buscando saber se houve uma mudança ou se ainda temos a mesma família, aquela que por muitos tempos foi considerada única e tradicional, a heterossexual. Levo em consideração o processo de alfabetização e de comunicação por entender que a imagem é um valioso recurso neste processo, ela não possui um texto escrito, mas é “uma comunicação sem palavras, mas repleta de ideias e memórias trazidas por elas” (Roland Barthes apud Dagmar Estermann Meyer; Marculy Alves Paraiso, 2014, p.267). Ainda neste capítulo apresento um breve Estado da arte, na qual identifico as discussões que estão sendo realizadas no campo acadêmico sobre meu tema de pesquisa.

E por fim, as considerações finais em que aponto os principais resultados, no qual confirmo que o Livro Didático super valoriza uma determinada configuração família, na qual é branca, classe média e heterossexual. Apresento também futuras pesquisas, na qual eu me proponho a realizar.

2 GÊNERO, EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

2.1 GÊNERO, DIVERSIDADE SEXUAL E FAMÍLIA

Vejo a necessidade de iniciar este capítulo discutindo e apresentando alguns conceitos fundamentais como os quais trabalho do decorrer da pesquisa. Esses conceitos são fundamentais num cenário marcado por desigualdades de gênero, em que pessoas que não seguem o padrão que a sociedade legítima são excluídas. Os conceitos que pretendo trabalhar nesse primeiro capítulo são *Gênero, diversidade sexual e família*.

Louro (1997) salienta que o conceito de gênero está entrelaçado com as conquistas e lutas das mulheres em meados do século XVIII, no entanto é no século XIX que o movimento social feminista começa a assumir alguns direitos, sendo que o movimento feminista cria condições de possibilidades para a emergência de outros movimentos, como o movimento das mulheres negras e dos LGBTs, ganhando maior força. No entanto, é no final dos anos 80 que o movimento feminista passará a utilizar o termo “gênero” que é discutido por Daniela Auaud (2006)

Gênero não é um sinônimo de sexo (masculino ou feminino), mas corresponde ao conjunto de representações que cada sociedade constrói, através de sua História, para atribuir significados, símbolos e características para cada um dos sexos. Assim, as diferenças biológicas entre homens e mulheres são interpretadas segundo as construções de gênero de cada sociedade. No momento em que uma criança do sexo masculino nasce e ouvimos dizer “É menino!”, assistimos à primeira interpretação de uma série, que, de diferentes formas, moldará suas experiências, vivências, enfim, o modo como dar-se-á sua inserção e participação no meio social. Ser homem ou mulher e pertencer ao gênero masculino ou feminino envolve, em nossa sociedade, criar uma identidade, em oposição ao sexo que não é o seu (o sexo “oposto”), distanciando-se dele e negando-o. (AUAD, 2006, online)

Ainda sobre gênero, Joan Scott (1990)

[...] tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. (p.6)

Vivemos em uma sociedade que tenta moldar as pessoas através de estereótipos, por posturas, características, comportamentos, dizendo o que é certo e o que é errado para cada sujeito, para a mulher sempre foi esperado atitudes meigas, do lar, delicada, que cuida de tudo para o seu “bom” marido, mãe, protetora e para o homem o oposto, trabalhador, pessoa forte e que tenha a capacidade de liderança.

Esses comportamentos que são pré-determinados para cada um desses sujeitos, são nada mais que comportamentos que a sociedade intitula como padrão para cada um, uma construção social de um determinado tempo histórico, de uma determinada cultura.

Desde que a criança nasce começam as divisões de papéis, se a criança for menino, se tem um enxoval para o mesmo todo azul, seus brinquedos são carrinhos, jogos, vídeo game e objetos de construção, já para as meninas o enxoval é todo rosa, com brinquedos de boneca, loucinhas e brincadeiras de rodas, por tanto, meninos e meninas são educadas de acordo com o seu sexo biológico, esses estereótipos de papéis, são construções culturais que existem nos adultos, mas que ainda não está presente na criança, pois as mesmas ainda não possuem práticas sexistas.

Segundo SCOTT (1995) *apud* VIANNA/FINCO (2008):

Gênero remete, então, à dinâmica de transformação social, aos significados que vão além dos corpos e do sexo biológico e que subsidiam noções, ideias e valores nas distintas áreas da organização social: podemos encontrá-los nos símbolos culturalmente disponíveis sobre masculinidade e feminilidade, heterossexualidade e homossexualidade; na elaboração de conceitos

normativos referentes ao campo científico, político e jurídico; na formulação de políticas públicas implantadas em instituições sociais; nas identidades subjetivas e coletivas. (SCOTT apud VIANNA/FINCO, p. 269, 2008)

Muitos argumentam que homens e mulheres são diferentes, pelo seu sexo biológico, assim cada um desempenha um papel de acordo com o seu sexo, um argumento como esse, seja senso comum ou uma linguagem científica, serve para justificar e compreender uma desigualdade social. (LOURO, 1998)

A questão do gênero está relacionada ao poder, uma hierarquização, pois gênero é uma categoria, assim como raça e classe, é uma construção, não é algo que venha da natureza, mas sim da cultura, da história, é algo que a sociedade considera de acordo com cada tempo histórico, por tanto pode ser modificado, transformado e repensado. (WOLFF/ SALDANHA, 2015)

Gênero, classe, sexualidade, aparência física, nacionalidade e etnia, estão ligados ao que Deborah Britzmand (1996) citada por Louro (1998) chamou de marcadores sociais ou marcadores identitários, para nomear as diferenças e desigualdades entre cada sujeito. Segundo Marcio Zamboni (2014):

Marcadores sociais da diferença são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais. Em termos de raça, por exemplo, os indivíduos podem ser classificados como negros ou brancos, morenos ou mulatos, asiáticos ou indígenas. Cada uma dessas categorias de classificação está associada a uma determinada posição social, possui uma história e atribui certas características em comum aos indivíduos nela agrupados. O mesmo vale para gênero (homens e mulheres, machões e princesas, travestis e transexuais), sexualidade (hétero e homossexuais, gays e lésbicas, bissexuais e sadomasoquistas) [...] (ZAMBONI, 2014, p. 1/2)

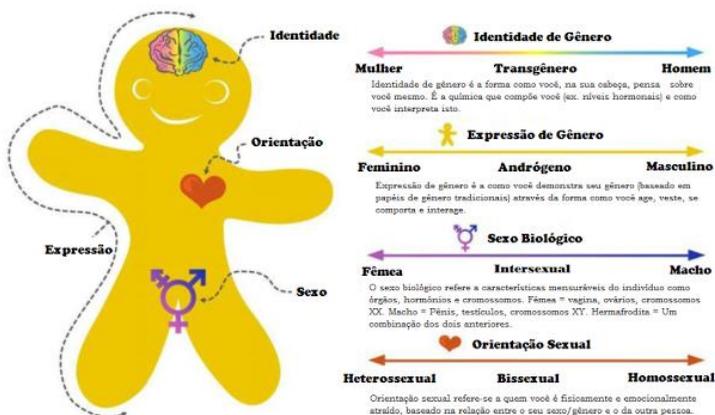
Ainda sobre esses marcadores sociais, Jaqueline Gomes de Jesus (2012) nos diz que:

Cada um(a) de nós é uma pessoa única, que porém tem características comuns a toda a humanidade. Elas nos identificam com alguns e nos tornam deferentes de outros, como a região em que nascemos e crescemos, nossa raça, classe social, se temos ou não uma religião, idade, nossas habilidades físicas, entre outras que marcam a diversidade humana. (JESUS, 2012, p.7))

Abaixo trago uma tabela com alguns conceitos referente a sexualidade/afetividade:

Figura 1 - OS TERMOS

Os termos que expressam nossa sexualidade/afetividade:



Fonte: <<http://www.eleicoeshoje.com.br/wpcontent/uploads/2012/02/Sexualidade.png>>

Identidade de gênero, então é, compreendida como a identidade dos sujeitos que são “plurais, múltiplas; identidades que se transformam que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias”. (LOURO, 1998, p.24) Em meu entendimento, ela é a forma como eu me vejo e me sinto, como me reconheço e que gostaria que as outras pessoas também me vissem assim e me reconhecessem da

mesma forma, no entanto, muitos confundem identidade de gênero com orientação sexual.

Gênero com o qual uma pessoa se identifica que pode ou não concordar o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays, ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero. (JESUS, 2012, p.21)

Orientação sexual segundo a Figura 1 refere-se ao relacionamento, uma atração afetiva, emocional, física ou sexual, por qualquer um dos indivíduos, essa atração pode então envolver questões de sentimento ou também podem ser só questões sexuais. Segundo JESUS (2012) :

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivos-sexual por alguém/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. (JESUS, 2012, p. 12)

Esses dois conceitos que apresentei “Identidade de Gênero” e “Orientação Sexual” atualmente foram retirados da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pelo Ministério da Educação, ocorrendo um grande retrocesso.

2.1.1 O RETROCESSO NA EDUCAÇÃO: AS QUESTÕES DE GÊNERO EM DISPUTA

No ano de 2015 muitos foram retrocessos que aconteceram, quando se trata do tema gênero, não pretendo me aprofundar falando sobre esses retrocessos, porém acho necessário apresentar eles, uma vez que pretendo trabalhar e discutir com as configurações de famílias e suas representações no nosso atual contexto, sendo assim, atingindo diretamente o campo de discussão de gênero.

O primeiro deles que pretendo discutir atingiu diretamente as escolas de educação básica e municipais, em 2015 ocorreu à discussão do Plano Nacional da Educação para os próximos dez anos, porém nessa discussão os temas: “identidade de gênero” e “sexualidade nas escolas” foram retiradas do PNE.

A retirada ocorreu devido à atuação da bancada conservadora que alegam que trabalhar esse tema em sala de aula, acarretará em corromper ou “sujar” as crianças, seus conceitos de homens e mulheres ou destruiriam o conceito de família, aquele no qual eles ainda pregam como tradicional.

Ao se ter uma bancada conservadora no Congresso Nacional só ocorrerá retrocessos como estes, uma vez que os mesmo pregam seus valores “acreditando” e “reforçando” que estes são os mesmo valores que a sociedade acredita, reforçando então determinadas ideologias como se fosse de todo um grupo social, como se apenas aqueles ali presentes fosse os únicos e verdadeiros, assim fortalecendo uma desigualdade. Portanto, evidencia-se uma disputa política sobre as questões de gênero e sexualidade.

Retirando o conteúdo de gênero do PNE não só os/as estudantes/as estão sofrendo um retrocesso quando o assunto é gênero, mas a Educação Brasileira também, uma vez que nós educadores/as que acreditamos numa educação que forme um sujeito crítico e que saberão conviver com as diferenças, sem julgar as escolhas dos outros, não aconteceria, pois com a retirada só fortalecemos uma desigualdade de gênero.

Hoje no Brasil vários casos de homofobia, lesbofobia e transfobia acontecem diariamente, casos esses em que as pessoas sofrem algum constrangimento, discriminação ou qualquer tipo de violência até mesmo homicídio por conta de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Segundo o Grupo Gay da Bahia(GGB¹) ocorreram 318 assassinatos contra a comunidade LGBT no ano de 2015 em todo o Brasil, sendo destes 52% são gays, 37% travestis, 16% lésbicas e 10% bissexuais.

O segundo retrocesso foi a aprovação do Estatuto da Família, realizado em setembro de 2015, em que reunião da Comissão da Câmara de Deputados aprovada um projeto que define como família aquela que

¹ O Grupo Gay da Bahia é uma associação de direitos humanos dos homossexuais, que foi fundado em 1980 na Bahia, sendo declarado como utilidade pública em 1987.

é constituída pela união entre um homem e uma mulher, ou entre um dos pais e seus filhos, ignorando assim todas as outras configurações existentes. Segundo o Estatuto:

Art. 2º Para os fins desta Lei, define-se entidade familiar como núcleo social formado a partir da união entre um **homem e uma mulher**, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

A Constituição Federal já possui uma definição de família, porém eles julgam a necessidade desse Estatuto para reforçar a necessidade de uma representação hegemônica de família nuclear, heterossexual, na qual os conservadores querem reforçar como tradicional.

Segundo a Constituição Federal Art. 226 “§ 3º “para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento” ou ainda “§ 4º “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.”

Esse tipo de projeto de Lei vem com a intenção de romper com alguns direitos que casais homossexuais vêm adquirindo, como o direito de se casar em cartório, adoção, pensão e INSS, entre outros, além de reforçar uma desigualdade de gênero, traçando uma batalha entre determinados grupos.

O terceiro e último que apresento é a “Escola Sem Partido” ou “Lei da Mordaça”, que é um movimento nacional, cujo mentor é o advogado Miguel Nagib, é uma proposta de Lei que torna obrigatório a fixação de um cartaz nas salas de aulas do ensino fundamental e médio, com algumas indicações em que os/as professores/as deverão seguir, logo a baixo apresento esse cartaz.

Figura 2 - CARTAZ ESCOLA SEM PARTIDO



Fonte: <<https://static1.squarespace.com/static/559ecf35e4b0fd23a137bd5/t/57673734be659449f9848e52/1466383176105/>>

O propósito desse projeto de Lei que se iniciou em 2004, é de regular o papel do/a professor/a dentro de sala de aula, proibindo algumas discussões, de assuntos referentes a política, religião, gênero e sexualidade.

A escola local em que se deve preservar a liberdade de expressão, comunicação, fazer com que o/a aluno/a pense e reflita sobre todos os acontecimentos que nos rodeiam, em que deve dar a liberdade para o/a aluno/a opinar, porém ouvir também a opinião do seu colega e de seu/ua professor/ra, perde total liberdade, uma vez que essas leis privam o aluno de pensar e refletir.

Com essas leis então, trabalhar com Identidade de gênero em sala de aula, fica um pouco mais delicado, uma vez que para algumas vertentes religiosas e os conservadores, os/as professores/as estariam

influenciando os/as estudantes/as a serem homossexuais, uma vez que esse tema é levado para a sala de aula e discutido.

Nós, professores/as em formação ou já formados, temos que ter o direito de sim, levar esses e outros temas para a sala de aula, nossos estudantes/as precisam saber de tudo que nos rodeiam, principalmente quando o tema é gênero, pois é importante que todos tenham esse conhecimento, é na sala de aula que devemos desconstruir alguns preconceitos ou auxiliar para que nossos/as estudantes/as respeitem uns aos outros. Segundo LOURO (1998) [...] se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimento, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica sujeitos*, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; (p.85)

Esses retrocessos atingem diretamente os defensores de uma educação libertadora, aqueles que lutam por uma educação igualitária que acreditam que sim, que devemos ter o estudo de gênero em sala de aula, para que todos aprendam a respeitar o outro, independente de suas escolhas, não provocando uma desigualdade e uma educação sexista.

Algumas instituições, mesmo podendo discutir sobre as questões de gênero, acabam criando uma hierarquização, criando uma convenção e uma desigualdade na escola, nós professores/as quando entramos em sala de aula, devemos deixar do lado de fora, todos os nossos preconceitos para não influenciar os/as estudantes. Nos estudos de LOURO (1998) ela nos aponta que:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distinta. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distinto dos outros, os que a ela não tinha acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (p.57)

2.2 FAMÍLIA: CONCEPÇÕES E ARRANJOS

A estrutura familiar vem se reformulando com o passar dos tempos, a família moderna deixa de ser aquela família nuclear, formada por um pai, uma mãe e seus filhos, e passa ter outras configurações, no entanto essas novas configurações ainda não são bem vistas pela sociedade, uma vez que alguns representantes se colocam numa abordagem conservadora².

Logo que iniciei minha pesquisa, me perguntava “*Mas qual é o conceito de família?*”, muito me questionei sobre isso, até me deparar com essa passagem de Luiz Carlos Osório, em seu livro *Família Hoje*:

Família não é um conceito unívoco. Pode-se até afirmar, radicalizando, que a família não é uma expressão passível de conceituação, mas tão-somente de descrições; ou seja, é possível descrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família através dos tempos, mas não defini-las ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que se apresenta este agrupamento humano. (OSÓRIO, 1996, p.14)

Portanto não existe um conceito único de família, nem uma estrutura única. No entanto, a família vem se destacando como uma instituição privada, por transmitir valores culturais, e por ser “mediadora entre o indivíduo e a sociedade” (Marisa Tayra Teruya, 2000, p. 1)

A palavra família, no latim nos remete a *famulus* que significa escravo ou servo, portanto, considerava-se a família como sendo um conjunto de escravos, servos ou criados de uma mesma pessoa. Remetendo-nos então, um pouco para a relação entre um casal, em que a esposa deveria obedecer a seu “fiel” marido, em quem deviam suas vidas, nos levando a uma questão de posse, de poder no grupo familiar. (OSÓRIO, 1996)

² Segundo o Dicionário Online de Português uma pessoa conservadora é aquela que se Impõe as mudanças religiosas, morais, sociais, políticas e a comportamentos, uma pessoa muito apegada as tradições.

Em meados do século XIX, o modelo de família que tinha mais visibilidade e predominava era a família patriarcal, em que era descrito como:

[...] um extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao qual se incorporavam parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubinas e bastardos; todos abrigados sob o mesmo domínio, na casa-grande ou na senzala, sob a autoridade do patriarca, dono das riquezas, da terra, dos escravos e do mando político. (TERUYA, 2000, p.3-4)

Porém havia outros tipos de família, como por exemplo aqueles em que os integrantes (marido, mulher, filhos) não moravam nas mesmas casas, sendo assim, seus lares eram comandados pelas mulheres, ou seja, mães solteiras, como aponta o Censo, que foi realizado em Mariana, no século XIX. (Thiago Luís Magalhães Silva, s/d)

No entanto foi no século XX, que o modelo patriarcal começa a sofrer um processo de modernização da sociedade, por causa da crescente urbanização e da industrialização que a mesma estava sofrendo e com isso o modelo patriarcal não combinava mais com uma sociedade industrializada e urbanizada. A família nuclear combinaria mais com uma sociedade industrial, ou pré-industrial, perdendo a importância de uma quantidade excessiva de parentes e a entrada da mulher no sistema de produção. (TERUYA, 2000)

Segundo TERUYA (2000):

A condição urbano/rural foi baliza para determinar o tipo familiar. Concordava-se que o processo de urbanização e industrialização da sociedade no século vinte, juntamente com o fenômeno de migração, fizeram com que o controle da produção passasse gradualmente da família para os empresários capitalistas e para o Estado, e com isto, ocorreram o enfraquecimento das relações do parentesco, a redução do tamanho da família e a redução do poder do pai e do marido. (TERUYA, 2000, p. 10)

Hoje muitas famílias estão precisando de uma maior visibilidade na sociedade e na escola, como por exemplo, um casal de homens, um casal de mulheres ou um casal formado por pessoas transexuais, no entanto o que se difere do que foi intitulado como “padrão” num determinado tempo histórico é excluído, é visto como estranho, permanecendo então até hoje como normal e desejável o modelo família heterossexual, aquele formada por um homem, uma mulher e seus filhos, pois essas famílias refletem na “realidade plural da sociedade brasileira” (FURLANI, 2015)

Volto a dizer que esses casais precisam de uma maior visibilidade nas escolas, por sofrer muitos preconceitos em nossa sociedade, e dando a visibilidade que estes casais precisam na escola, estamos educando para uma diversidade, para uma sociedade mais justa para todos e igualitária, sem preconceitos. Segundo Vagner Matias do Prado e Arilda Ines Miranda Ribeiro:

O medo ou a falta de conhecimento se constitui em um grande empecilho para que profissionais da área da educação possam abordar a homossexualidade a partir de uma perspectiva de possibilidades. Visto que a negação para com essa expressão do desejo é aprendida desde a mais tenra idade, torna-se difícil modificar as representações que creditam à heterossexualidade a forma “normal de comportamentos” (PRADO; RIBEIRO, 2015, p. 141)

Um casal homossexual ou homoafetivo é formado por duas pessoas do mesmo sexo quando se sentem atraídas afetivamente ou sexualmente por outra pessoa, ou seja, dois homens ou duas mulheres. No entanto, essa prática é vista como inapropriada ou anormal, por muitos, que prezam por uma família heterossexual sofrendo assim uma homofobia, através de pressão psicológica, xingamentos, zombarção, bater, chutar e por fim até mesmo matar.

Quando os sujeitos resolvem assumir sua sexualidade perante todos e a sociedade, o que difere do heterossexual é visto como estranho por conservadores, sofrendo preconceitos e discriminação, como é citado em Andrea Becker Narvaes (2000) quando o assunto é homossexualidade:

A presunção de heterossexualidade enseja o silenciamento e a invisibilidade das pessoas homossexuais, inclusive em termos curriculares. Ao mesmo tempo, essa presunção dificulta enormemente a expressão e o reconhecimento das homossexualidades como maneiras legítimas de se expressar afetivamente e sexualmente. (2000, p. 23-25)

Percebe-se então que há uma diferença, ela surge a partir das escolhas de cada um como citado acima. Homens só poderiam se interessar por mulheres e mulheres só poderiam se interessar por homens, reforçando um ideal de família, no entanto a nossa realidade mudou. A família nuclear, que segundo Louro (1998):

O modelo “normal” é a família nuclear constituída por um casal heterossexual e seus filhos. Essa forma de organização social é, na verdade, mais do que normal, ela é tomada como natural. Processa-se uma naturalização – tanto da família como da heterossexualidade – que significa, por sua vez, representar como não-natural, como anormal ou desviante todos os outros arranjos familiares e todas as outras formas de exercer a sexualidade. Esse padrão está presente explícita ou implicitamente nos manuais, nos discursos, nas políticas curriculares e nas práticas (por vezes até naquelas e naqueles que se pretendem progressistas). (LOURO, 1998, p. 133/134)

No entanto hoje existe a família moderna contemporânea, em que o homem deixa de ser o chefe da casa, o patriarca, tendo o poder absoluto dentro de casa, e abre espaço para a mulher moderna, a nova mulher, em que antes ela “deveria ser educada para desempenhar o papel de mãe (também uma educadora – dos filhos) e de suporte do homem para que este pudesse enfrentar a labuta do trabalho fora de casa.” (Silvio Manoug Kaloustian, 2004, p. 31)

A mulher moderna, branca, é aquela que está se inserindo e conquistando o mercado de trabalho, o meio acadêmico, está criando a sua independência financeira, e além do mais adquirindo seus direitos políticos e sociais, enquanto a mulher negra já estava inserida no mercado de trabalho, ainda que em postos de baixo prestígio e com, pior remuneração.

As famílias não são iguais, é preciso romper com esses padrões hegemônicos de família, é preciso parar de reforçar uma determinada configuração de família em uma sociedade com uma diversidade de arranjos familiares. Segundo Anna Paula Uziel (2004):

[...] famílias recompostas frutos de recasamentos; a gravidez na adolescência levando pra casa dos avós crianças das quais os pais não querem ou não podem cuidar [...]; a dificuldade de se estabelecer profissionalmente [...] estendendo a permanência na casa dos pais; as novas tecnologias reprodutivas [...] geram alguns formatos que povoam atualmente a listagem que atende pelo nome de família. (p.30)

Os arranjos familiares são diversos, como por exemplo casais que não possuem filhos, casais formados por dois homens ou duas mulheres com ou sem filhos, famílias em que os pais são separados e se casaram com outras pessoas, netos que moram com seus avós ou com outras pessoas da família, uma mulher ou homem com seu filho, uma pessoa transexual com seu parceiro/a.

Portanto, me instigo em minha pesquisa responder a seguinte pergunta: *Como a família vem sendo representada nas imagens do livro didático selecionado para análise, que é utilizado no primeiro ano do ensino fundamental? Considerando a questão da diversidade na educação houve alguma mudança nessas representações? Suas representações estão de acordo com a realidade da sociedade brasileira?*

2.3 A ESCOLA E O LIVRO DIDÁTICO EM ANÁLISE

A escola que escolhi solicitar os Livros Didáticos para a minha pesquisa, foi a que realizei o estágio docência nos anos iniciais, disciplina obrigatória para a conclusão do curso de Pedagogia. Uma escola municipal, que atende crianças, adolescentes e adultos de classe média baixa, que está entre as melhores escolas municipais de São José e fica localizada no bairro Kobrasol. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a mesma atende principalmente filhos/as

de funcionários públicos e comerciantes, sendo que a maioria dessas famílias possuem escolaridade básica, ou seja ensino fundamental e média completo, segundo o PPP da escola.

O Livro que analiso nesta pesquisa é utilizado no 1º ano dos anos iniciais, é um livro de professor, em que a partir da página 289 começa uma Assessoria Pedagógica, para auxiliar no desenvolvimento das aulas com o Livro Didático. Na página 374 existe um texto para auxiliar o professor quando ele for trabalhar com as questões de outras configurações familiares.

O livro é utilizado na disciplina de Ciências Humanas e da Natureza, sendo utilizado em 2016. A editora Leya, nasceu em 2008, líder do mercado editorial de língua portuguesa, uma empresa forte, porém, não encontrei dados estatísticos de distribuição dessa obra na qual vou analisar. Os autores são Charles Chiba, Caroline Minorelli, Valquíria Garcia e Vanessa Michelin.

O autor Charles Chiba é Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR), especialista em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR), professor de História da rede particular de ensino e realiza trabalhos de assessoria pedagógica no desenvolvimento de materiais didáticos para o Ensino Fundamental I.

A autora Valquíria Garcia é licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL- PR), especialista em História e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR), mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL – PR), professora do Ensino Superior na área de formação de docentes e pesquisadora na área de Ensino em Geografia e autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental II.

A autora Caroline Torres Minorelli é licenciada e bacharel em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL – PR), especialista em História e Teorias da Arte pela Universidade Estadual de Londrina (UEL – PR), atuou como professora da rede pública no Ensino Médio no estado do Paraná e realiza trabalhos de assessora pedagógica no desenvolvimento de materiais didáticos para o Ensino Fundamental I.

A autora Vanessa Silva Michelin é licenciada e bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL – PR), mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Estadual de Londrina (UEL – PR) e realiza trabalhos de assessoria pedagógica no desenvolvimento de materiais didáticos para o Ensino Fundamental I.

O Livro está dividido em 4 grandes unidades e cada unidade dessa se encontram alguns subcapítulos. A primeira unidade está intitulada “*Eu sou Criança*” começa na página 8, trabalhando com os temas, “Conhecendo os Colegas de Sala”; “Eu tenho um nome”; “Eu sou criança”; “Eu sou assim”; “Crianças no mundo”; “Nem sempre fui assim”; “Meu corpo”; “Ao redor do meu corpo”; dentro desse título existe um outro subtítulo que é “Localizando o que existe ao meu redor”; logo depois “Representando o corpo humano”; “Investigue e aprenda!”; “Os meus documentos”; “Os Direitos e os deveres das crianças” e por último dentro desse subtítulo tem “Os deveres das crianças”.

A Unidade 2 se trata sobre “A moradia e a Família”, capítulo no qual eu mais trabalhei está dividido em alguns subtítulos que são “Os abrigos dos Animais”; “A moradia”; “Com quem eu moro”; “A família”; “A minha família é assim”; “Os parentes”; “A história da família”; “Localizando as pessoas e objetos”; “As casas são diferentes”; “Investigue e aprenda!”; “Os materiais usados nas construções das moradias”; “O modo de vida e as moradias em outros lugares do mundo”; “Minha moradia tem animais”; “Animais Silvestres” e dentro desse subtítulo existe um outro que se chama “Animais da Fauna Brasileira”.

A Unidade 3 trata sobre “Cuidando da moradia”, com os subtítulos “A parte de dentro da moradia”; “Utilizando os cômodos da casa”; “Quantas casas no Brasil”; “Objetos do dia a dia”, existe um outro subtítulo dentro desse com o nome de “De que são feitos os objetos”, dando continuidade aos títulos, “Objetos artesanais e objetos industrializados”; “A parte de fora da moradia”, com outro subtítulo dentro desse que é “Brincadeiras no quintal”, voltando aos títulos, “Diferentes Pontos de Vista”; “No quintal também existem plantas”; “Investigue e aprenda!”; “As plantas e suas partes”; “Os animais do quintal”; “Cuidados com a moradia” e por último “Prevenindo acidentes”.

Na 4ª e última Unidade, é intitulada com “Ambientes em que vivemos”, tem os seguintes subtítulos, “O que eu observo ao meu redor”; “Percebendo o ambiente”, com outro subtítulo dentro, “Percebendo o ambiente de diferentes maneiras”, retornando aos títulos, “Alguns componentes do ambiente”; “Investigue e instigue”; “Os seres vivos no ambiente”; “As paisagens”; “As paisagens são diferentes”; “Investigue e instigue”; “Tamanhos diferentes”; “Representando a paisagem ao redor” e por último “As paisagens se transforma”.

Após finalizar as unidades, os autores apresentam dois mapas, o do Brasil Político e o mapa do Planisfério Político, e logo depois eles apresentam as referências bibliográficas. Por se tratar de um livro para o uso do/a professor/a, é apresentada uma assessoria com diversos textos para auxiliar o trabalho pedagógico a ser desenvolvido.

3. COMO SÃO AS FAMÍLIAS NO LIVRO DIDÁTICO?

3.1 O LIVRO DIDÁTICO

Segundo os dados de 2016 do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE³, todos os anos são distribuídos mais de 40 milhões de exemplares de livros didáticos para os anos iniciais do ensino fundamental, são contempladas em torno de 10 milhões de estudantes e mais de 30 mil escolas.

Em setembro de 2007 o MEC explicou como funcionavam as escolhas que aconteciam todos os anos. O MEC já faz as escolhas dos Livros Didáticos há dez anos, pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), porém, para os mesmos chegarem até a sala de aula ele passa por alguns critérios de escolhas, que são “falta de erros conceituais”, “coerência teórica-metodológica no conteúdo e nas atividades propostas” e “contribuição para a cidadania, sem expressar preconceito, doutrinação ou publicidade”.

A escolha fica a cargo de cada professor, sendo que eles fazem uma lista com os livros que as escolas recomendam para utilizar naquele período, a cada três anos. Segundo Jurjo Torres Santomé (1998) sobre o trabalho docente:

Este é quem primeiro tem acesso a ele e decide qual livro-texto e naturalmente, os autores e autoras, no momento de se dedicarem à criação destas obras, têm de pensar em um produto que possa ser vendido ao maior número possível de professores.

O texto selecionado por estes deve ajudá-los em sua missão, contribuir para tornar realidade as funções que eles acreditam que a escolarização deve desempenhar neste momento e lugar concretos e durante o período de tempo no qual trabalharão com os estudantes, e também partilhar seu trabalho com outros profissionais. (SANTOMÉ, 1998, p. 156)

³FNDE – é direcionado a aquisição e à distribuição dos Livros Didáticos aos alunos dos anos iniciais e dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio.

Segundo SANTOMÉ (1998), um dos primeiros livros-textos, foi o de Juan Amós Comenio, intitulado *Orbis sensualium pictus*, em 1658 em Nuremberg, foi escrito em 4 idiomas, latim, alemão, francês e italiano, mesmo já havendo alguns livros infantis, este era o primeiro livro-texto que trazia ilustrações como uma parte das lições, e informações da escrita e aprendizagem, era uma obra com 150 capítulos

O Livro Didático, instrumento impresso que tem predominância na maioria das salas aula para ser utilizado como apoio pelo/a professor/ra, é um valioso recurso, pois está presente na mediação do trabalho pedagógico do/a professor/as e um recurso que acompanha o aluno em suas aulas, aproximando o indivíduo de sua cultura e promovendo o seu desenvolvimento educacional. Segundo BRIGOLLA e FERREIRA (2013):

[...] o livro didático é o material mais utilizado pelos professores agindo, também como um recurso ao aluno no acompanhamento das aulas, este trabalho tem por finalidade discutir como a autonomia do professor reflete no espaço para discussão de determinados temas. Afinal, o livro didático possui os textos e atividades previamente escolhidos, os quais, em geral não possibilitam atingir a realidade dos estudantes. (BRIGOLLA/FERREIRA, p. 2, 2013)

Em muitas casas o Livro Didático é o primeiro livro de apoio à leitura e ao aprendizado, pois vivemos em um país em que muitas famílias não tem condições de comprar livros, jornais, revistas, ou acessar a internet, sendo assim o único recurso para leitura seria o livro que a escola disponibiliza todos os anos, assim tendo um importante papel no desenvolvimento do indivíduo, tanto em seus aspectos culturais quanto em seus aspectos educacionais, podendo produzir, incentivar ou induzir preconceitos sociais.

Os Livros Didáticos são instrumentos mediadores do trabalho pedagógico do/a professor/a com seus estudantes, sendo que caberá ao professor indicar como utilizará em seu espaço. Muitas vezes querendo cumprir o calendário de aulas, o professor acaba deixando de lado alguns assuntos relevantes, em que pode ajudar na compreensão de seus estudantes ou alguns assuntos são passados despercebidos, ou deixados

de lado, em que podem ajudar na construção da identidade do aluno. (BRIGOLLA/ FERREIRA, 2013)

Segundo o PNLD⁴ (2011, p.13):

O que dá a um livro didático o seu caráter e qualidade didático-pedagógicos é, mais que uma forma própria de organização interna, o uso adequado à situação particular de cada escola; e os bons resultados também dependem diretamente desse uso. Podemos exigir – e obter – bastante de um livro, desde que conheçamos bem nossas necessidades e sejamos capazes de entender os limites do LD e ir além deles. (PNLD, 2011, P.13)

Os livros didáticos, no entanto, são o que Santomé (1998) chamou de “Produto Político”, por “estimular atitudes com relação ao mundo no qual estamos inseridos, e apoiam e defendem determinadas concepções e teorias sobre como e por que a realidade é como é, sobre de que maneira, quem, quando e onde podemos intervir, etc”. (SANTOMÉ, 1998, p. 169) Portanto, os nossos livros didáticos “reproduzem os mesmo valores, concepções, preconceitos, etc., defendidos, pelos grupos sociais que controlam o poder e /ou editoras de livros-textos.” (SANTOMÉ, 1998, p. 169)

3.2 O LIVRO DIDÁTICO E AS REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA

Por meio da análise do livro didático, é possível observar que ainda há muitas representações de família em que exclui os novos arranjos e “reproduzem os mesmo valores, concepções, preconceitos, etc., defendidos, pelos grupos sociais que controlam o poder e /ou editoras de livros-textos.” (SANTOMÉ, 1998, p. 169) Um exemplo que apresento é um casal homossexual em que é composto por dois homens,

⁴PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, tem como objetivo auxiliar os professores em seus trabalhos pedagógicos, por meio de distribuições de livros didáticos para os alunos de Educação Básica.

duas mulheres ou um algum deles transexual, raramente será vista em alguma imagem, pois vivemos em uma sociedade conservadora em que acredita que as crianças serão influenciadas ao ver um casal com essa configuração.

O conceito de “representação social” foi apresentado por Emile Durkheim, no entanto foi Serge Moscovici (1961) quem retoma este conceito no campo da Sociologia Social no qual afirma que o objeto central da Psicologia seja o estudo de tudo que se refere a ideologia em que articula psicológico e sociedade. (Adriana Ferreira Gama; Aline Renée Benigno dos Santos; Eduardo Fofonca, 2010)

Segundo Rafael Augustus Segã:

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelece entre elas, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados a posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade. (SEGÃ, 2000, p. 1)

No entanto, as representações que temos uns dos outros, são construídas no nosso processo de socialização na sociedade, mas ao representar algo como por exemplo uma família, estamos excluindo muitas outras famílias, e construindo uma desigualdade. (Taís Barbosa/Sandra Dos Santos Andrade, 2008)

Ainda sobre o conceito de representações Marcos Alexandre (2004) nos diz que:

As representações sociais são “um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais”. Segundo a definição apresentada

por Jodelet, são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideológico em que vivemos. São formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), mas que não se reduzem apenas aos conhecimentos cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação entre os indivíduos. Dessa maneira, as representações são fenômenos sociais que têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam. (ALEXANDRE, 2004, p. 10)

Furlani compreende que na perspectiva pós-estruturalista⁵ “A representação é o modo como os significados, construídos e atribuídos pela retórica e pelo discurso, dão sentido e posicionam as diferenças, as identidades, os sujeitos, num processo que é fundamentalmente social, histórico e político”. (FURLANI, 2005, p. 31)

O modo em que os livros didáticos representam as famílias, está contribuindo para determinadas legitimações do modo de ser família, de

⁵ Entende-se por uma perspectiva pós-estruturalista

“Tais abordagens teóricas se inscrevem em, e se alimentam da teoria filosófica contemporânea que faz a crítica dos pressupostos da filosofia do sujeito e da consciência, afirmando a centralidade da linguagem para a significação do mundo e apontando para a inseparabilidade entre linguagem, cultura, verdade e poder. Ao mesmo tempo, elas pretendem contestar as teorizações que prometem conhecer e explicar “a” realidade em uma perspectiva totalizante, para depois prescrever medidas e ações de intervenção homogênea e, também, universalizantes. Essas abordagens pretendem, ainda, descrever processos de diferenciação e de hierarquização social e cultural para problematizar as formas pelas quais tais processos produzem (ou participam da produção de) corpos, posições de sujeitos e identidades – como homem e mulher, heterossexual, saudável e doente, responsável e negligente, educador/a e educando/a, por exemplo – categorizando-os no interior de uma cultura determinada” (Cf., também, Meyer et al., 2004) (MEYER; PARAISO, 2014, p.52)

um modo em que reforçam que este tipo é normal e desejável, passando a ser considerada como “normal”, excluindo as outras configurações de famílias, contribuindo para desigualdade e quando se marca um modelo como padrão ou hegemônico, está sendo reforçado um ideal de família, ignorando outras configurações.

Segundo o PNLD (*apud* Paulo Vinicius Baptista⁶ 2006), a avaliação do livro didático prescrevia que, não podem expressar preconceitos de origem, raça, cor, idade ou qualquer outra forma de discriminação, ainda segundo o PNLD *apud* Paulo Vinicius Baptista, “o livro didático não poderá: - veicular preconceitos de origem, cor, condição econômico-social, etnia, gênero e qualquer outra forma de discriminação; - fazer doutrinação religiosa, desrespeitando o caráter leigo do ensino público” (BRASIL/MEC, 1998, p. 15-16). Porém, esse mesmo livro didático oculta as outras configurações, e os professores muitas vezes por ter seu calendário curto, ou por ser conservador, acaba não apresentando aos estudantes, assim estimulando sujeitos que não sabem conviver com o outro ou o diferente, pois não se “enquadra” no padrão heteronormativo da sociedade.

Segundo Silva *apud* Mello:

A escola em si mesma não é responsável pelos estereótipos culturais: todavia, funciona como mais uma agência de socialização a fortalecê-los [...] a ideologia da escola está longe de ser vanguardista em relação aos papéis sexuais. Os livros de textos utilizados pelos professores retratam em geral modelos de papéis sexuais tradicionais. (Mello, 1975, p.142)

Porém, quando o assunto é tratado dentro de sala de aula, o professor deve ter argumentos, pois os discursos acerca do tema se alojam nas pessoas de uma maneira em que elas não reconhecem o seu preconceito, no caso das crianças muitas ouvem os discursos de seus pais, e tendem a transmitir tal pensamento, e o professor ao tentar desconstruir, deve estar ciente de que muitas crianças já reproduzem essas ideologias.

Minha escolha em trabalhar com imagens deve-se a compreensão de que “as imagens são um dos veículos do discurso da sociedade, os

quais “influenciam a construção identitária do aluno, reproduzem ideologias, participando de modo importante da formação de atitudes e valores” (OLIVEIRA, 2008, p. 99).

Com relação as imagens Schwengber (2006) grifos Joly (2005):

[...] a imagem é de fato uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que, nessa qualidade, distingue-se por meio de signos particulares, propõe uma representação escolhida e necessariamente orientada; distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que sua ausência ou sua presença significam. (2006, p. 269)

As ilustrações dos livros são de extrema importância para motivar as crianças para a leitura, e contribuir para a aquisição da linguagem delas, pois algumas imagens não precisam nem da aquisição da escrita e da leitura, pois já falam por si só, com as ilustrações cada vez mais ricas e modernas. As imagens foram e ainda são utilizadas como meios para produzir a nossa realidade, por isso, são também ideologizadas. O homem ao longo da história da humanidade utilizava imagens para poder se comunicar ou se expressar, em diversos aspectos da sociedade e hoje ainda a imagem é utilizada como um elemento fundamental para o processo de construção do conhecimento.

Quando se trata de imagem Cunha (2007) chama a atenção para uma pedagogia da imagem em que as referências visuais nas quais estamos inseridos constroem nosso acervo estético, nos transmite concepções históricas e podem expressar modo de vida, formas de comportamento e valores sociais. O Livro Didático então auxilia para uma ampliação da nossa compreensão quanto aos efeitos imagéticos nos sujeitos.

Segundo Teixeira e Rocha, sobre a análise de ilustrações:

Cabe destacar a importância da análise das ilustrações contidas nos livros didáticos, uma vez que a imagem também é um texto importante, que transmite valores, crenças, modos de ser e agir, que funciona para incluir ou excluir significados, assegurar ou marginalizar formas particulares de comportamentos (SOUZA, 1999, p. 11), bem como o texto escrito. Como diria Walty et al (2001) sobre a relação entre texto e ilustrações: na

verdade, trata-se de dois textos autônomos que se interpenetram, enriquecendo o jogo de significações da leitura (p. 68). Daí a importância de dar a devida atenção aos dois textos, o verbal e o imagético, contidos nos livros didáticos. (p. 4,2008)

3.3 LIVROS DIDÁTICOS E REPRESENTAÇÕES: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

Antes de aprofundar em meu tema, gostaria de apresentar como se deu a minha pesquisa, em abril de 2016 eu apresentei para a disciplina de “Pesquisa II”, ministrada pela professora Angélica Pereira, o meu pré-projeto em que já apresentava algumas questões que me deixavam inquieto, que me instigaram a aprofundar neste estudo, desde então comecei a fazer a mesma, buscando suas fontes, autores e conceitos os quais não poderia deixar de discutir.

Após a apresentação do trabalho comecei a fazer a minha pesquisa bibliográfica que consiste em localizar o que já existe sobre meu tema ainda mais a fundo, que é um pouco parecido com o Estado da Arte, no entanto, não foi uma pesquisa tão densa, sobre o “Estado da Arte” Norma Sandra de Almeida Ferreira (2002):

Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta a determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulga-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema. (2002, p. 259)

Os estudos para a construção se deram a partir de pesquisa em Teses e Dissertações, publicadas pelos/as acadêmicos/as em Bibliotecas

Virtuais, como por exemplo, Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), com períodos de pesquisas entre 2005 a 2009.

Na pesquisa busquei estudos com as seguintes palavras chaves: representação/família/livro didático e representação/família/livro didático/gênero.

O primeiro local que procurei foi no Banco de Teses e Dissertações da Capes, em sua biblioteca virtual, em minha primeira busca coloquei as palavras chave “representação, família e Livro Didático”, surgiram várias pesquisas de diversas áreas do conhecimento, no entanto uma única pesquisa se aproximou do meu tema, que tinha como título “*A representação da diversidade étnico racial e de gênero no livro didático do Ensino Fundamental brasileiro*”, que tem como autora Renata Queiroz e Helio Santos, uma pesquisa para o Mestrado, que foi feita em 01 de julho de 2009. Trago a baixo o resumo de sua pesquisa:

O presente artigo procura compreender criticamente as alterações na representação da diversidade étnico-racial e de gênero ocorridas em livros didáticos nas décadas de 90 e 2000. Para a seleção dos dados mais relevantes, utilizou-se de seis categorias analíticas: momentos de lazer, brinquedos e brincadeiras; profissões; composição e relacionamento familiar; festas e manifestações culturais; personalidades e situações do cotidiano escolar. A análise revelou que os livros dos dois períodos analisados ainda veiculam preconceito explícito através de seus textos, imagens e ilustrações. No entanto, a representação do preconceito de modo sutil é predominante. Esse quadro demonstra que os livros lançados em pleno século XXI ainda não conseguem contribuir para uma educação efetivamente democrática e comprometida com a formação do aluno consciente da riqueza da diversidade humana. (QUEIROZ; SANTOS, 2009, p. 2)

Seu objetivo era analisar como a diversidade étnico-racial e de gênero vem sendo representada nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa e Matemática, dos primeiros anos do ensino fundamental,

nas décadas de 90 a 2000 e coletar as informações acerca das representações da diversidade, tentando compreender criticamente o conteúdo explícito e o oculto.

Os resultados que a autora encontrou no decorrer de sua pesquisa foi que os livros didáticos estão cheios de preconceitos de um modo explícito, em que as crianças são estimuladas a satirizarem as mulheres por sua “fragilidade”. Essas representações que os livros didáticos estão trazendo, estão confirmando que a escola ao invés de ser um local de respeito a diversidade, está se tornando uma instância geradora de preconceitos. Segundo QUEIROZ;SANTOS:

Os Livros Didáticos continuam dando prioridade a representação do suposto indivíduo padrão da sociedade brasileira: homem, esguio, heterossexual, feliz, trabalhador, casado e com filhos. Incluem-se, timidamente, alguns indivíduos considerados diferentes, mas despreza-se a história de vida destes indivíduos integrantes de grupos historicamente marginalizados. (p. 14, 2009)

A mesma pesquisa foi feita no banco de dados do IBICT, porém não tive nenhum resultado que fosse ao encontro com minha pesquisa.

Ao continuar minha coleta de pesquisas, coloquei as seguintes palavras chaves “Representação, família, livro didático e gênero” na biblioteca do IBICT, nenhuma tese foi encontrada. No banco de teses da CAPES, coloquei as mesmas palavras chaves e encontrei apenas uma tese que se aproximasse ao meu tema que tinha como título “*Quem mora no livro didático? Representações de gênero nos livros de Matemática na virada do milênio*” trabalho de conclusão para a pós-graduação, realizado pela mestrandia Lindamar Salete Casagrande, em 2005. Que tem como resumo:

Essa dissertação foi desenvolvida com o objetivo de analisar as representações de gênero nos livros didáticos de Matemática para 5ª e 6ª séries na virada do Milênio. Foram analisados livros didáticos do início das décadas de 1990 e de 2000. Para a realização da pesquisa adotou-se a abordagem qualitativa por entender que este se adequava à elucidação da pergunta-problema. A pesquisa é do tipo documental, sendo que os

livros didáticos se constituem no campo empírico. Buscou-se conhecer como os gêneros estão representados neste instrumento de ensino por entender que os livros didáticos constituem-se num importante material de apoio para professores e professoras e principalmente para estudantes e alunas, bem como, numa “morada” onde os gêneros se manifestam em diversas situações. Entende-se ainda que as representações de gênero nos livros didáticos contribuem para a construção das identidades de gênero das crianças e adolescentes. Os dados estão divididos em onze categorias definidas com base na incidência de enunciados e ilustrações que representam homens e mulheres em situações similares. Os resultados foram agrupados em dois capítulos. O primeiro foi destinado as representações de gênero no espaço público. Pode-se perceber que tais representações ocorrem, na maioria das vezes, em papéis dicotomizados. Não se privilegia a interação entre os gêneros e tampouco a construção dos mesmos por meio desta interação. O segundo capítulo da apresentação dos resultados foi destinado à socialização das crianças por meio da família, das brincadeiras e das situações escolares. Percebeu-se que há interação entre as crianças dos distintos gêneros, porém educar e cuidar das crianças é tarefa feminina. A representação de gênero no cuidado com a família também ocorre em papéis dicotomizados. A principal diferença observada nas representações de gênero nos livros didáticos dos dois períodos (1990 à 1993 e 2000 à 2003) analisados foi o aumento do número de enunciados e ilustrações com tais representações no segundo período, porém com pouca diferença na forma e nas situações nas quais homens e mulheres são representados. Este fato demonstra que os livros didáticos não incorporam as transformações sociais e, por consequência, as mudanças nas relações de gênero ocorridas nesta virada do milênio. (CASAGRANDE, 2005, p.13)

O objetivo desta pesquisa era analisar as representações de gênero que os livros didáticos de matemática do 5ª e 6ª séries na virada

do Milênio. A autora usou uma abordagem qualitativa, pois entendia que se adequava à elucidação da pergunta-problema, sendo uma pesquisa documental, pois os livros didáticos se constituem no campo empírico. Segundo Antônio Chizzotti (1991) apud CASAGRANDE (2005):

Parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto [...] o objeto não é um dado inerte e neutro: está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (p.87, 2005)

Portanto, as representações de gênero nos livros didáticos elas não são neutras, mas estão carregadas de significados, ajudando a moldar a identidade de gênero de cada um, no entanto as representações nos livros didáticos são vista pelos/as estudantes como um exemplo em que eles podem seguir. (CASAGRANDE, 2000)

Ao final da pesquisa os resultados que a autora encontrou, foi que nos livros didáticos analisados foi notório que a propriedade continua sendo masculina e a mulher pode ser proprietária, porém só na ausência de um homem na família, sendo assim, remetendo a família patriarcal. A autora ainda conclui que esses livros poderiam em alguns momentos contemplar a multiplicidade de relações familiares e não reafirmar o modelo heterossexual como sendo o único “padrão” familiar.

Outra fonte que me dispôs a pesquisar foi no site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, na ANPEd⁷, em que existe um GT, intitulado GT23⁸, que tem como foco e título “Gênero, Sexualidade e Educação”, em que cada ano é feita uma reunião regional em que são tratados diversos assuntos em cada GT, já foram realizados 37 Reuniões porém só foi possível acessar a partir da 23ª Reunião.

⁷ A ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) foi fundada em 16 de março de 1978, são reuniões nacionais e regionais que são realizados debates e aperfeiçoamento de professores, pesquisadores e alunos.

⁸ O GT23 iniciou seus trabalhos em 2003 durante a 26ª reunião, que ocorreu em Poços de Caldas, quando um grupo percebeu a necessidade de se falar sobre o tema “Gênero, Sexualidade e Educação”

No meu tema foi encontrado apenas um trabalho que ia de encontro com minha pesquisa, na qual posso utilizar como fonte bibliográfica para a mesma.

Na reunião de 2008, encontrei um texto intitulado “*Livros Didáticos das décadas de 20 a 50 em Minas Gerais: construções de gênero.*” Da autora Alda Betsaida Teixeira, o objetivo de sua pesquisa era de investigar como que as questões de gênero estavam presentes nos livros didáticos, nas décadas de 20 a 50, colaborando para a ideologia presente nesses materiais e nas políticas públicas, em Minas Gerais.

A Metodologia que a autora utilizou foi a de análise de cartilhas e pré-livros. As fontes que ela utilizou foram a Biblioteca de Referência do/a professor/as, o Museu da Escola e o Centro de Documentação do Ceale – CEDOC/UFMG, ambas em Belo Horizonte, MG. Utilizou de análise de ilustrações e de textos contidos nestes materiais, buscando compreender quais eram as questões de gênero que os mesmos utilizavam, para compreender os ideais de masculinidade e feminilidade que os mesmo trazem.

Após finalizar sua pesquisa, os resultados encontrados pela autora foram de que os materiais didáticos já possuem um ideal de família, sobre as relações de família, sobre as relações entre adultos e crianças, e o mundo privado e público. Houve poucas mudanças nas ilustrações que os livros trazem no decorrer das décadas, a análise que a autora faz revela que os autores apresentam um ideal de masculinidade e feminilidade. As imagens muitas vezes elas não trazem suas ideologias explicitas, mas sim camufladas.

Selecionei esses trabalhos para o Estado de Conhecimento, pois eram os que mais se aproximavam do tema e traziam conceitos interessantes na qual vou poder discutir e que irá me auxiliar no decorrer de minha pesquisa. Na UFSC, universidade na qual eu estudo, não foi encontrada nenhum trabalho que fosse ao encontro do meu tema, sendo assim minha pesquisa fica sendo “inérita” em meu centro o CED, e escrever sobre se torna um pouco mais difícil, porém não impossível.

O conceito fundamental que essas autoras trazem e que vou trabalhar é o conceito de gênero, fundamental para a minha pesquisa, uma vez que ao trabalhar com as questões familiares, é necessário trazer uma discussão sobre gênero. O Livro Didático é um instrumento que as três pesquisas utilizam como objeto de pesquisa e que não poderia deixar de citar, pois este será meu objeto de pesquisa e análise.

Após a leitura destas três pesquisas vejo a necessidade de escrever um pouco sobre as mesmas, trazendo algumas semelhanças entre elas para dar início a discussão de minha pesquisa.

Ao passar dos anos a escola ainda é o palco da diversidade, onde todos os anos milhares de estudantes diferentes começam seu ano letivo, é nela que se relacionam, interagem e são excluídos/as. Sendo ela um espaço formador de identidade dos estudantes. Local esse também para a desconstrução e construção de ideologias, estereótipos e preconceitos.

Os livros didáticos ganham destaque quando o assunto é preconceito, diante das pesquisas já realizadas foi notório que os mesmo carregam significados e ajuda a moldar a identidade dos/as estudantes, uma vez que os mesmo trazem “padrões” a serem seguidos como por exemplo: homem, branco, alto, magro, heterossexual, trabalhador, casado e com filhos.

Diante dessas pesquisas já realizadas, me instigo ir além disso, procurando analisar quais são as representações que um determinado Livro Didático apresenta, quando o assunto é família. A pesquisa na qual me proponho a fazer é de caráter qualitativo, pois irei fazer uma análise da realidade social na qual estamos inseridos e lida com as interpretações das realidades sociais (BAUER, 2002) observarei o discurso, pois o Livro traz uma assessoria pedagógica e analiso também as imagens que os Livros trazem para sala de aula, do primeiro ano do ensino fundamental.

3.4 A FAMÍLIA NO LIVRO DIDÁTICO

Ao folhear o livro encontrei no geral 18 imagens de famílias, trago abaixo uma tabela em que apresento como essas imagens estão divididas:

Tabela 1–ANÁLISE DE IMAGENS DE “FAMÍLIAS”

Família Heterossexual	1 imagem
Família Heterossexual/ 1 filho	8 imagens
Família Heterossexual / 2 filhos	4 imagens
Família Heterossexual/ 3 filhos	2 imagem
Família monoparental/ 2 filhos	1 imagem
Família em que os netos moram com os avós	1 imagem
Família homossexual/ 1 filho	1 imagem

Fonte: Elaboração do autor

Ao trazer essa tabela fica nítido qual modelo de família que o livro está privilegiando em suas representações, estigmatizando e excluindo a diversidade de arranjos familiares, legitimando um determinado modo de ser família,. Sobre representações Louro nos diz:

“Representações são apresentações”, isto é, são formas culturais de referir, mostrar ou nomear um grupo ou um sujeito. Ela não é um reflexo ou espelho da realidade, mas sua constituidora. As representações produzem sentidos, com efeitos sobre os sujeito, construindo o “real”. (LOURO, 2004, p. 98 – 99)

Observo que no livro em tela as imagens de famílias não saem do tradicional, trazendo em suas páginas a famosa “família margarina” ou família nuclear, em que é composta pelo pai, pela mãe e seus filhos, sendo essa a unidade social mais comum de um sistema social. No entanto, no decorrer do capítulo que aborda o tema família, o mesmo, tenta sair dos padrões nos trazendo outra formação de família, a família homoafetiva, porém essa imagem nos manipula, pois é trazida uma imagem em que uma das mulheres tem características masculinas, sendo assim, precisando ser bem analisada para poder perceber que se tratam de duas mulheres e não um casal heterossexual.

Foram selecionadas para análise 12 imagens sendo que dessas apenas uma imagem não apresenta uma configuração tradicional, que é composta por um casal heterossexual e as outras 11 imagens trazem a configuração mais comum, sem sair do tradicional.

A seguir trago as imagens a serem analisadas e que irei discutir suas formas de representações nas quais são abordadas no livro didático:

A imagem que trago a baixo está no sumário e no capítulo que trabalha o tema “Família”. É uma família tradicional heterossexual, em forma de desenho, representada por uma família nuclear em que é composta por um homem, uma mulher e seu filho. São as representações mais comuns divulgadas nos livros, quando em forma de desenho ou imagem. O pai está no meio, abraçando seu filho e sua esposa, aparentam ser uma família de classe média, por causa de suas vestimentas, o pai com vestimentas de executivo e a mulher aparenta estar com roupas de quem trabalha em casa.

Figura 3 - FAMÍLIA HETEROSSEXUAL BRANCA



A segunda imagem se encontra nas páginas 76 e 77 está na Unidade 2 que tem como título “A moradia e a Família”. É uma atividade que demonstra uma família tradicional, um homem e uma mulher, e seus dois filhos, família de classe média, branca. Ao trazer essa imagem logo no início do capítulo, os autores estão nos afirmando

que o conceito de família está relacionado a só uma configuração de família. Neste caso a imagem faz parte de uma atividade em que os mesmos querem que as crianças escreva o que entendem por família. A imagem pode induzir as mesmas a descreverem que uma família é um homem, uma mulher e seu filho, limitando as possibilidades da criança refletir sobre outras variações de família que conhece.

Figura 4 - A MORADIA E A FAMÍLIA



A próxima imagem que busco analisar, se encontra na página 86, da Unidade 2, na parte do livro em que se fala sobre “A Moradia”, porém ao trazer essa imagem os autores estão falando da importância das crianças dentro de casa, que essas mesmas crianças dão motivos para tornar a nossa casa um lugar importante. A família da imagem é uma família negra, porém uma família em que é intitulada como **tradicional** ou nuclear heterossexual, em que é composta por um homem, uma mulher e suas duas filhas, em que aparentam ser da classe média alta. As imagens sempre sendo com as mesmas configurações,

não saindo do da mesma formação, afirmando que há somente uma configuração, ou dando mais visibilidade e importância para uma configuração.

Figura 5 - FAMÍLIA HETEROSSEXUAL NEGRA



Em apenas duas páginas os autores vão trabalhar com outras configurações familiares, tentando um pouco sair do tradicional, porém são apenas passagens, não dando uma visibilidade nas quais elas realmente precisam.

Na página 92 os autores começam a falar sobre o tema “Família”, e logo no início nos dizem que “Toda criança tem um pai e uma mãe, e, muitas vezes, também tem irmãos. Mas, nem sempre as crianças podem morar com seus pais. Há diferentes tipos de formações familiares. Há famílias pequenas e famílias grandes”.

Nessa passagem, podemos perceber que os autores não trazem as configurações, porém ao falar de diferentes formações logo em seguida

eles falam das “famílias pequenas e famílias grandes”, não dando exemplo dessas configurações e escondendo essas diferentes formações. No mesmo caso ocorre quando eles falam que toda criança tem um pai e uma mãe, porém sabemos que na realidade atual, ainda que em menor número há crianças que têm dois pais e duas mães, ou somente um pai ou uma mãe, avós ou tios como seus únicos responsáveis.

Porém, os autores propõem que os professores ao trabalharem com esse assunto, não devem admitir que as crianças façam comentários que possam ofender ou constranger alguma criança, sendo assim eles propõem aos professores uma “Assessoria Pedagógica” na página 374. Se formos refletir sobre as imagens que os autores trabalham, podemos perceber que não está havendo uma abertura para uma igualdade, mas sim um fortalecimento para a desigualdade “escondendo” essas outras configurações, ou tentando apresentar elas de uma forma em que as crianças não as percebam, como é o caso da imagem da página 93, sendo assim, essas mesmas crianças elas não estão sendo apresentadas a essas configurações, o que pode se tornar algo “anormal” para elas, pois é desconhecido, se tornando algo estranho, em que não está inserido no contexto delas.

Essa Assessoria aborda as questões das “novas” configurações, trazendo as mesmas para o texto que só o professor terá acesso, podendo abordar essas questões no decorrer do capítulo, apresentando imagens, porém, o mesmo priva os estudantes.

Na imagem que se encontra nesta mesma Unidade, na página 92, traz como descrição da imagem uma “Família formada por uma mulher e seus dois filhos”, na imagem aparentam ser uma família de classe média com seus dois filhos, todos estão rindo, aparentando um momento de felicidade, porém, não perde a configuração de uma família branca com seus dois filhos.

Grande parte das imagens trazem as pessoas felizes, em momentos felizes, porém será que é essa a realidade de nossas famílias? Muitas crianças podem sentir saudade desse sentimento de felicidade que as vezes não tem em casa, fazendo com que as mesmas se sintam inferiores e até mesmo, menos interessante que as famílias trazidas nas imagens, pois a realidade de muitas crianças de escolas públicas não é a mesma que os livros didáticos trazem.

Figura 6 - FAMÍLIA FORMADA POR UMA MULHER E SEUS DOIS FILHOS



Na página 92, com a legenda “Família em que o pai ou a mãe já tiveram filhos com outras pessoas, mas também têm filhos juntos”, é uma imagem em que se encontram um homem e uma mulher, e seus três filhos, estão sorrindo na imagem, todos estão se abraçando, porém, novamente a configuração de uma família heterossexual, branca, aparentemente uma família de classe média. Essa configuração em que pai e mãe são solteiros ou divorciados e juntam suas famílias, é comum em nossa sociedade, cada vez mais vem criando visibilidade, porém ainda há alguns tabus.

Nesse caso, para muitos o divórcio não é bem visto, principalmente quando é iniciativa da mulher, ainda gera muito preconceito, por pensarem que a mulher deve ser submetida ao homem, em todos os sentidos. Vivemos em uma sociedade machista, porém, em que cada vez mais a mulher vem se tornando independente e com suas carreiras incríveis no mundo profissional.

Figura 7 - FAMÍLIA EM QUE OS PAIS JÁ FORAM CASADOS



Na página 93 e com a legenda “Família formada por pai, mãe e filho” é apresentada uma família indígena, porém o livro não a identifica como tal. Na imagem o pai segura a criança (que representa seu filho) e um prato em que está sendo servida sua refeição para a criança que está segurando um garfo e a mãe está sentada ao lado, não fica explícito se demonstram nenhum sentimento de alegria ou de tristeza.

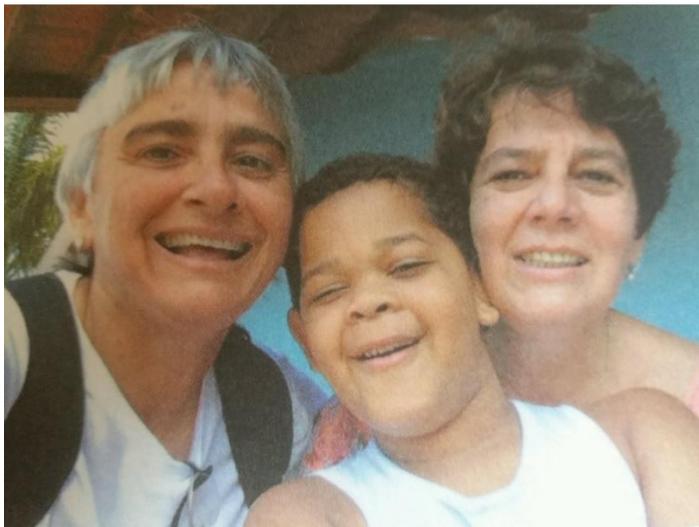
Figura 8 - FAMÍLIA HETEROSSEXUAL



A próxima imagem se encontra na página 93 e tem como legenda “Família formada por duas mães e filho”, se encontram duas mulheres e uma criança, aparentemente uma família de classe média, em que as duas são brancas e a criança é negra, uma família homossexual, no entanto uma das mulheres tem traços/estereótipos de um homem, então uma criança que não sabe ler, para ela pode ser confundida por um homem, assim de nada valendo essa imagem. Ao trazer uma imagem em que a mulher tem as mesmas características de um homem, pois, para muitos quando se fala em um casal de mulheres, tem que existir a mulher que possui traços masculinos. “Jaques Aumont (1993) nos lembra que as imagens não são independentes, pois sempre estão ligadas a um determinado regime de poder (visualidade), organizando experiências, induzindo o/a leitor/a a ver algumas coisas e não outras”.

Porém, se a professora trabalhar no seu contexto em sala de aula com as crianças, explicando e apresentando essas configurações familiares tais como elas são desde cedo para as crianças, muita coisa melhoraria em nossa sociedade, pois, segundo Rosseau “o homem nasce bom, mas a sociedade que os corrompem”.

Figura 9 - FAMÍLIA HOMOSSEXUAL E SEU FILHO



A próxima imagem está na página 93 e tem como legenda “Família formada por casal sem filhos”, é uma imagem de um senhor e uma senhora acima de 50 anos, aparentemente de classe média, os dois são negros e representam um casal heterossexual. Uma família sem filho, essa configuração está cada vez mais comum, dos casais que não querem ter filhos, por seus diversos motivos, e a família intitulada como tradicional vem decaindo, uma vez que as outras configurações familiares vêm crescendo.

Nossa sociedade ainda não “aceita” casais que não querem ter filhos, uma vez que a mesma diz que toda mulher precisa ser mãe e casar. Será que é mesmo necessário ter filhos para alcançar a felicidade? Atualmente criar filhos, educar e dar as condições mínimas para o mesmo está difícil, uma vez que a nossa sociedade é preconceituosa, egoísta, machista, está cada vez mais difícil de educar nossos filhos perante a liberdade de expressão, respeito e as particularidades de cada.

Figura 10 - FAMÍLIA FORMADA POR CASAL SEM FILHO



A próxima imagem é a imagem que me representa, está na página 93 e tem como legenda “Família na qual as crianças moram com parentes, como avós ou tios”, na imagem se encontram uma senhora e um senhor, que aparentem serem os avós e um moço que aparenta ser o tio, um menino e uma menina, todos estão rindo, ou aparentam estar felizes.

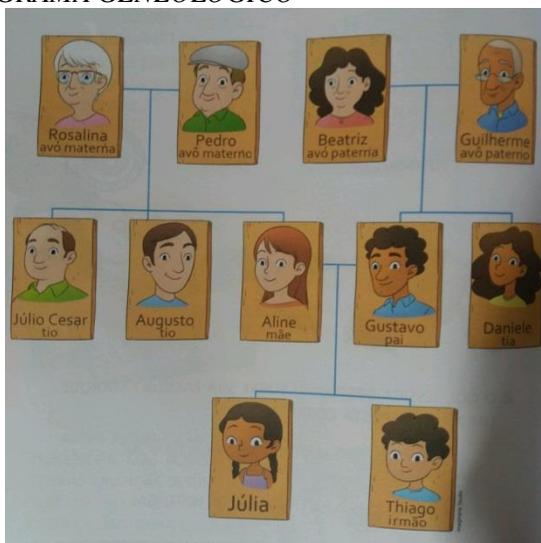
Outra configuração que cada vez mais vem crescendo, em que os avós cuidam dos netos, que assumem os mesmos, desde que nasce é criado por seus avós, pois os avós são a figura mais marcante na vida da criança desde cedo, para aqueles que possuem contato e que os conhecem.

Figura 11 - FAMILIA EM QUE AS CRIANÇAS MORAM COM PARENTES



Nesta próxima imagem, que se encontra na página 108, é uma atividade de Diagrama Genealógico, eu em minha época de escola tinha pavor dessas atividades, pois como não sabia quem era meu pai, eu nunca conseguia fazer um diagrama igual a de meus colegas que sabiam. Acredito que muitas das crianças devem ter esse mesmo pensamento, afinal com a diversidade de famílias que as escolas têm hoje em dia, dificilmente um Diagrama ficará igual ao da imagem que o livro apresenta.

O Diagrama apresenta uma família tradicional, e não perde essa configuração, porém ao invés de serem fotografias são desenhos.

Figura 12 - DIAGRAMA GENEOLÓGICO

A imagem da página 131, que tem como legenda “Família com cachorro de estimação”, o título da página é “Minha moradia tem animais”, na imagem aparecem um homem e uma mulher, uma criança e um cachorro, estão todos abraçados, com roupas de sair para passear ou caminhar. Muitas pessoas tem o cachorro como parte da família, até mesmo como seu filho, para muitas pessoas essa é uma ideia impossível, pois, para os mesmo família é um laço de sangue, relacionamento e parental, e um animal é apenas um animal de estimação e a descrição da imagem deixa bem clara que o cachorro é um animal de estimação.

Figura 13 - FAMÍLIA COM CACHORRO DE ESTIMAÇÃO



Na página 147 uma atividade contém 4 imagens em forma de desenho/ilustração em que a criança vai ler o texto na página ao lado e marcar qual representa a família de Fernando, que é a terceira imagem, uma criança adotada, porém, ao oferecer as possibilidades para as crianças, em nenhum momento foi disponibilizado outras configurações familiares, induzindo somente a configuração de um casal heterossexual.

A primeira imagem do quadro é um homem e uma mulher brancos e um menino loiro, os pais estão com roupa social, como se estivessem indo trabalhar e a criança de camiseta. Aparentam estar felizes. No segundo quadro, uma mulher e um homem brancos e uma menina loira, a mulher bem vestida com brincos e o homem de camiseta esporte, a criança loira de cabelos crespos com laços e brincos, todos aparentam estar felizes.

A terceira ilustração do quadro é um homem loiro e uma mulher loira e um menino negro, os pais estão com uma roupa social, e a criança com uma camiseta, todos estão felizes. Essa é a família da descrição da atividade, em que o menino é adotado, todos aparentam estar felizes.

A quarta imagem, são de pais negros e a criança negra também, o pai segurando o menino no colo, a mãe ao seu lado, todos muito bem vestidos, o pai com roupa de executivo e a mãe com um camiseta de gola, brincos grandes cabelo bem crespo, amarrado, todos aparentam estar felizes.

Figura 14 - ATIVIDADE



A última imagem que analiso está na página 209, uma atividade em que diz que todos tem que ajudar em casa nas atividades domésticas e dividir as tarefas, entre pai, mãe e filhos. Na imagem se encontram uma criança que está passando o aspirador no sofá, o homem que está passando pano no chão e a mãe que está passando pano na mesa, um casal heterossexual, branca e que aparentam ser de classe média. Em um certo tempo, este tipo de imagem seria muito criticado, pois os papéis postos em nossa sociedade não permitiriam um homem fazer as mesmas atividades que as mulheres em casa, e isso valeria para o filho homem da casa também.

Figura 15 - TAREFAS DOMÉSTICAS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família com o passar dos anos vem sendo transformada, perdendo aquela configuração nuclear e tendo um formato com diferentes arranjos, como casais homossexuais com ou sem filhos, casais transexuais, porém, esses novos arranjos familiares ainda não são bem vistos por nossa sociedade em que dizem que nossas crianças não estão preparadas para conhecer esses formatos ou que ao ver essas configurações podem tomar desejos pelas mesmas e as estimularem sendo assim.

Esse estudo teve como objetivo identificar quais eram as representações de famílias veiculadas no livro didático utilizado pela professora na escola na qual eu desenvolvi meu estágio em docência nos anos iniciais, no primeiro ano do Ensino Fundamental considerando que as imagens são um valioso recurso no processo de alfabetização.

A partir do estado da arte foi possível identificar três trabalhos que foram ao encontro da pesquisa que realizei, na CAPES, IBICT e na página de trabalhos da ANPED Sul, no entanto, essas pesquisas não são específicas para o meu tema, porém abordam alguns conceitos, como por exemplo, família, gênero e diversidade sexual, temas esses que orientam o referencial teórico. Como TCC no Curso de Pedagogia e também na UFSC, minha pesquisa se torna inédita quando o assunto é representação de família, uma vez que ao pesquisar sobre ela na base da biblioteca universitária do campus, não foi encontrada nenhuma pesquisa relacionada a esse tema.

O diálogo com os/as autores/as especialistas no campo em estudo indicam que o estudo sobre família e gênero, são assuntos que precisam estar nas salas de aula, uma vez que esses temas são importantes para a formação do sujeito que convive em sociedade e que saiba viver com as diferenças. Essas pesquisas nos mostram também que nós professores devemos ter um olhar mais crítico em cima dos materiais didáticos que são postos para a escolha, trazendo para dentro de sala de aula materiais didáticos que contemplem a todos, sem distinções.

Após analisar todas as imagens e folhear o livro, podemos perceber que há sim uma certa configuração familiar que é super valorizada nas páginas dos Livros Didáticos, sendo a família nuclear heterossexual mais naturalizada e pautada como modelo padrão. Excluindo assim os outros tipos de famílias e contribuindo com a manutenção de preconceitos e estereótipos. Ao priorizar um modelo

como padrão nos materiais pedagógicos está sendo reforçado esse modelo como ideal.

O livro didático ao tentar apresentar outro arranjo familiar (mulher com mulher) apresenta uma das mulheres estereotipadas com traços masculinos, assim a criança ao observar a imagem, se ela não souber ler identificará a mesma como se fosse um homem e se o professor não fizer uma discussão sobre esta imagem os estudantes sempre terão em mente que um casal, é formado por um homem e uma mulher.

Considerando a questão da diversidade na educação os livros didáticos estão naturalizando estas representações de famílias, trazendo a família nuclear, heterossexual, branca, classe média e feliz como modelo ideal em nossa sociedade, não trabalhando com a questão da diversidade, das diferenças e das desigualdades ente elas.

O ideal para nossa sociedade seria se todos soubessem respeitar uns aos outros, independente de cor, sexo, classe social, religião, etc. Independente da minha família, ou da família do meu vizinho, se seguimos ou não o “padrão” que se é intitulado, o importante sempre será o amor, afinal todos merecemos um sociedade justa, igualitária e democrática.

Este trabalho me faz vislumbrar numa pesquisa futura de mestrado, na qual pretendo observar como os professores estão trabalhando com as representações de famílias que os livros didáticos não trazem e tentar por meio de alguma apresentação ou trabalho com os/as estudantes, perceber como eles estão vendo essas famílias, se há uma aceitação da parte deles ou se há um fortalecimento de preconceitos traçados pela nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Marcos. **Representação social: Uma genealogia do conceito.** Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>> Acesso em maio de 2017.

BARBOSA, Taís; ANDRADE, Sandra dos Santos. **Representações de famílias em livros utilizados nas séries iniciais.** Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BELMIRO, Célia Abicalil. **A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de português.** 22º Reunião Anual da ANPED. Caxambu-ES. 2009.

CASAGRANDE, Lindamir Salet. **Quem mora no livro didático? Representações de gêneros nos livros de matemática na virada no milênio.** Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp001880.pdf>> Acesso em abril de 2017.

CARTA CAPITAL. **O que é o Estatuto da Família.** Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-e-o-estatuto-da-familia-6160.html>> Acesso em abril de 2017.

CARVALHO, Milena. **Exclusão de gênero do Plano Nacional de Educação é retrocesso, diz educador.** Último Segundo. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2015-12-26/exclusao-de-genero-do-plano-nacional-de-educacao-e-retrocesso-diz-educador.html>> Acesso em abril de 2017.

CHIBA, Charles Hokiti Fukushigue; GARCIA, Valquiria Pires; MINORELLI, Caroline Torres; MICHELAN, Vanessa Silva/ Juntos nessa: ensino fundamental, anos iniciais: ciências humanas e da natureza, 1º ano: [et Al.]. – 1. Ed. – São Paulo: Leya, 2014.

COLÉGIO MUNICIPAL MARIA LUIZA DE MELO KOBRASOL – SÃO JOSÉ – SC. **Projeto político pedagógico**. 2008.

CONSTITUIÇÃO (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

COSPLACE. **Costumes que brincam com identidade e gêneros sexuais**. Disponível em: <<http://cosplace.com.br/crossplay-e-gender-bender/>> Acesso em maio de 2017.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **A Teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação**. Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121> Acesso em maio de 2017.

CUNHA, S. R. V. **Pedagogia de imagens**. In: DORNELLES, L. V. (org). Produzindo pedagogias interculturais na infância. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 113 – 145.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Conservador**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/conservador/>> Acesso em março de 2017.

Família brasileira, a base de tudo / Sílvio Manoug Kaloustian (Organizador). – 6 ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2004.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; BRIGOLLA, Fernanda de Cássia. Inglesa. Revista UNIABEU, v. 6, p. 01-19, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Disponível em: <<http://www.pet.eco.ufrj.br/images/PDF/gilberto-freyre.pdf>> Acesso em maio de 2017.

FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar! – um olhar pós-naturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis**. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13259/000491228.pdf>> Acesso em maio de 2017.

GAMA, Adriana Ferreira; SANTOS, Aline Renée Benigno dos; FOFONCA, Eduardo. **Teoria das representações sociais: uma análise crítica da comunicação de massa e da mídia**. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2010/outubro/representacao_comunicacao_midia.pdf> Acesso em março de 2017.

GÉRARD, F.-M, ROEGIERS, X. (1993)- **Concevoir et évaluer des manuels scolaires**. **Bruxelas**. De Boeck-Wesmail (tradução Portuguesa de Júlia Ferreira e de Helena Peralta, Porto: 1998).

GOMES, Camila Pacheco; SILVA, Priscila Alves da; PESSINI, Maria Adelaide. **A nova configuração familiar: a família contemporânea usuária das políticas públicas**. Disponível em: <http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario6/arqs/Trab_completos_politicas_seguridade/A_nova_configuracao_familiar_a_familia_contemporanea.pdf> Acesso em maio de 2017.

GRAUPE, Mareli Eliane. **Gênero na escola: políticas públicas para superar preconceitos** / Mareli Eliane Graupe, Geraldo Augusto Locks, Lúcia Aulete Burigo Sousa. – 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2015.

GGB. Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/ggb.html>> Acesso em abril de 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientação sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e de mais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPLA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989> . Acesso em 10 ago. 2017

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista** / 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista** / 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Metodologia de pesquisas pós-crítica em educação. Dagmar Estermann Meyer, Marluicy Alves Paraíso, (organizadoras). – 2. Ed. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

MELLO, G. N. **Os Estereótipos sexuais na escola.** *Cadernos de Pesquisa*, n.15, p.141-144, dez.1975.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família hoje.** / Luiz Carlos Osório – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>> Acesso em abril de 2017.

Programa escola sem partido. Disponível em: <<http://www.programaescolasempartido.org/>> Acesso em março de 2017.

Retratos da Escola / Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (Esforce) – v. 9, n. 16, jan./jun. 2015. – Brasília: CNTE, 2007.

ROSEMBERG, Fulvia; MOURA, Neide C.; SILVA, Paulo V. B. **Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica.** *Cadernos de Pesquisa*, v.39, n.137, p. 489 – 519, 2009.

ROCHA, Fernanda de Araújo; UFMG TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins. **Livros didáticos das décadas de 20 a 50 em Minas Gerais: Construções de gênero.** Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT23-4557--Int.pdf>> Acesso em abril de 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social.** Ed.Martin Claret, 2007

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática / J. Gimeno Sacristán; trad. Ernani F. da F. Rosa – 3. Ed. – Porto Alegre: ArtMed, 2000.**

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado.** / J. Torres; trad. Cláudia Schilling. – Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

SANTOS, Hélio; QUEIROZ, Raquel. **A representação da diversidade étnico-racial e de gênero no livro didático do ensino fundamental brasileiro.** Disponível em:
<http://www.pesquisaemdebate.net/docs/pesquisaEmDebate_11/artigo_8.pdf> Acesso em maio de 2017.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici.** Disponível em:
<<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>> Acesso em abril de 2017.

SILVA, Marco Antônio. **A fetichização do livro didático no Brasil.** Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> Acesso em maio 2017.

SILVA, Paulo V. B. **Racismo discursivo e avaliações do programa nacional do Livro Didático.** Campo Grande, MS, v. 12, n. 24, p. 6 – 29, 2006.

SILVA, Thiago Luís Magalhães. **Família, cotidiano e vida privada.** Disponível em:
<<http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/familiacotidianovidaprivada.pdf>> Acesso em abril de 2017.

TERUYA, Marisa Tayra. **A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas.** Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo. Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Belo Horizonte, 2000.

UZIEL, Anna Paula. Família e homoparentalidade. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe e PARKER, Richard Guy (Orgs.). **Construções da Sexualidade – gênero, identidade e comportamento em tempos de aids.** Rio de Janeiro: Pallas: Programa de Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, p. 29-36, 2004.

VILELA, Rita Amélia Teixeira. **O lugar da abordagem qualitativa na pesquisa educacional: retrospectiva e tendências atuais.** Perspectiva, Florianópolis, v. 21, n. 02, p.431-466, jul./dez. 2003.

WOLFF, Cristina Scheibe; SALDANHA, Rafael Araújo. **Gênero, sexo, sexualidade.** Revista Retratos da escola. Brasília, V. 9, n. 16, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>> Acesso em maio 2017.

ZAMBONI, Marcio. **Marcadores Sociais da Diferença. Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades).** São Paulo, v. 1, p. 14 - 18, 01 ago. 2014.